

Para citar esse documento:

CONSORTE, Giovana. Lições para entender o corpo. *Anais do V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança*. Natal: ANDA, 2017. p. 92-103.



www.portalanda.org.br

LIÇÕES PARA ENTENDER COM O CORPO

Giovana Consorte (IFG)ⁱ

RESUMO: O presente trabalho desdobra uma proposta híbrida de construção de conhecimento. Corporalizando saberes de anatomia, historicamente estudados de modo tradicional - através de um pensamento que prescinde a ação corporal. Exigimos que nossos estudantes sejam criativos e forjem novas possibilidades para o trato pedagógico em dança. No entanto, enquanto professores, repetidas vezes nossas aulas assumem um caráter de “educação bancária”. Nesse processo, conhecimentos de extrema relevância para a formação de nossos alunos acabam se diluindo, em virtude de uma prática docente desconectada da ação criativa. A metodologia deste trabalho constitui uma bricolagem, envolvendo estudos teóricos, passando por oficinas de práticas corporais amparadas em saberes somáticos e demais laboratórios, em busca dos atravessamentos que darão corpo às lições. Ao final espero encontrar um agir/pensar formas de construir relações de aprendizagem a partir da dança que transitem entre a aula, a palestra e o espetáculo.

PALAVRAS CHAVE: Dança: Processos Artísticos: Educação.

ABSTRACT: The current essay focuses on a hybrid proposal of knowledge building. Using the basis of anatomy on the body itself, when the same basis have, historically, been studied in a traditional fashion – through a line of thought that is distant from the body action. We demand that our students be creative and forge new possibilities for the pedagogical trait related to dance. However, as teachers, time and time again our classes gain the definition of “banking education”. On said process, knowledge of extreme relevance for the formation of our students end up being watered down, due to a teaching practice that is disconnected from creative action. The methodology of this essay constitutes a bricolage, involving theoretical studies, as well as studies based on body practices enriched by somatic knowledge and other experiments, in search of breakthroughs that will embolden the lessons. By the conclusion, the aim is to find a way to act and think of ways to build learning relations, based on dance, that are able to transit between the class, the lecture and the spectacle.

KEYWORDS: Dance: Artistic Processes: Education.

Aquecimento

Nestas linhas apresentarei algumas reflexões que surgem do processo de criação de um experimento de pesquisa em dança. Sua ideia nasce das reflexões propostas pelo grupo de pesquisa *Lições Dançanatômicas* lotado no IFG/Campus Aparecida de Goiânia, revirando minhas inquietações enquanto pesquisadora-artista que percebe o esgotamento das estratégias docentes de melhora nas relações de ensino-aprendizagem. Percebemos que nossas aulas não funcionam como antes. Nos habituamos a cobrar de nossos alunos soluções criativas para seus problemas de movimento, mas nem sempre o fazemos no sentido inverso. Em meio as contradições do fazer artístico e docente surgiu a pergunta: Como agir/pensar formas de construir relações de aprendizagem significativas - a partir da dança - que transitem entre a aula, a palestra e o espetáculo?

Tal questionamento se mostra extremamente atual, em tempos de crise tanto nos modelos mais tradicionais de ensino, quanto nos formatos para a cena contemporânea da Dança. No ano de 2016, o tema do X Seminário de Dança de Joinville – inserido no maior festival de dança do mundo – foi “A Dança não é (só) coreografia”, questionando exatamente nossos fazeres. Dança, de fato, não é só coreografia. É construção de conhecimento, é mediadora de trocas, é pesquisa.

Pensando em mediações de trocas através da pesquisa, me volto para a Dança em toda sua potência da significação, buscando possibilidades de olhar uma problemática por vários ângulos - seja no momento de resolver questões de movimento, seja no momento de organizar conteúdos e métodos para propôr experiências de aprendizagem. A Dança como área de conhecimento envolve uma série de saberes que se relacionam direta ou indiretamente à sua prática, e a aprendizagem desses saberes é mediada por diferentes estratégias de ensino. Dando aula para a Licenciatura em Dança percebi que uma série de conteúdos – ditos teóricos – de extrema importância acabavam não sendo assimilados a

contento. Ouvindo os alunos, descobri que suas maiores queixas sobre essas disciplinas versavam a respeito do modo como os conteúdos eram conduzidos em sala de aula, através de um pensamento que prescinde a ação corporal, excluindo-se a experiência do processo.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. [...] A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. (LARROSA, 2002, p.21)

Para nos aventurarmos em busca da experiência acredito ser necessário colocar o corpo no centro dos processos, partindo de seus entendimentos e descobertas para ir ao encontro de um saber em movimento. Levar em consideração as inscrições que xs alunxs trazem no corpo, filtrando realmente os conteúdos que devem ser trabalhados com vistas a facilitar suas atuações futuras como professorxs de Dança. Selecionar o que será trabalhado é imprescindível para possibilitar relações de aprendizagem significativa, pois muitas vezes os conteúdos trabalhados em sala não se conectam com a ação – ao menos não diretamente - , tornando árduo para x alunx atribuir significado ao que lhe é proposto. Nesse sentido, não é a quantidade de informações que importa, mas a construção partilhada de conhecimentos, a partir do significado que eles representam para os sujeitos envolvidos. (LEMOS, 2006)

Além de selecionar os conteúdos partindo do olhar da Dança, é necessário conceber estratégias que favoreçam uma aprendizagem relacional e significativa, fugindo da imobilidade teórica convencional, proporcionando distintas possibilidades de contato/vivência com aquele novo saber, envolvendo os corpos como um todo, construindo outras danças de entendimento.

Haja vista que o objetivo desta pesquisa é buscar um agir/pensar formas de construir relações de aprendizagem significativas - a partir da dança - que transitem entre a aula, a palestra e o espetáculo, me inclino em busca de uma proposta

metodológica que abarque a diversidade de processos que imbricados darão possibilidade que este objetivo se viabilize.

Constatada a necessidade de buscar metodologias distintas e concomitantes comungo da visão de Fortin e Gosselin (2001) - que aponta para a diversidade dos modos de conduzir a pesquisa em arte -, inclinando-me ao conceito “bricolagem metodológica”, como forma de integrar diferentes elementos de método em um modo distinto de conduzir a pesquisa. Trajetórias maleáveis, permeáveis em direção a um movimento integrador de fazeres à serviço da descoberta. Tecer pesquisa em busca do olhar da Arte e não da Ciência, traçando expectativas ao invés de hipóteses por estarem mais relacionadas com o processo de trabalho do que com a teoria que fundamenta a obra do artista. (ZAMBONI, 2001).

E foi desta forma, com uma série de expectativas, que me coloquei em movimento para fazer essa pesquisa, entendendo que seriam necessárias diferentes metodologias para forjar esse trabalho, que se projeta como algo ainda sem nome, dada a complexidade de sua construção e que provisoriamente chamo de Lição. Mais do que refletir sobre aprendizagem significativa, me envolvo em vislumbrar e propor estratégias de ensino com vistas a favorecer seu desenvolvimento como mediador da aprendizagem. A construção da pesquisa começa no papel, mas ganha dimensão de corpo quando se desafia a encontrar resultados oriundos de ações corporais criativas, como práticas artísticas.

Eu encorajo assim o desenvolvimento possível de métodos de pesquisa adaptados às necessidades da prática artística. Estas me parecem que serão calcadas sobre o modelo de criação que os artistas conhecem bem. Neste sentido, estabelecer uma analogia entre a manipulação criativa dos materiais da produção artística e a manipulação não menos criativa dos materiais da produção textual me parece uma pista fecunda para conduzir a obra e a tese que, longe de se opor, convergem e se completam. (FORTIN, 2009, p.86)

Na contramão de engessamento dos olhares, em busca de possibilidades de experimentação é que minha pesquisa se desenvolve. Com a crença de que o caminho se faz caminhando, vou construindo entendimentos a partir de expectativas

que tenho em relação ao entrelaçamento teórico-prático de conceitos, com cuidado especial voltado a recepção da obra/aula, enquanto proposta cênica final.

Lanço-me em busca de bases para contruir lições que tragam para a sala de aula a energia que a cena do espetáculo traz, transformando a relação de ensino em experiência. Trabalhar esses conceitos ímpares selecionados a partir da manipulação criativa de materiais da produção artística, diminuindo as distâncias entre teoria e prática, desconstruindo fronteiras rígidas tornando-as permeáveis, relacionais e dançantes.

Alongando entendimentos

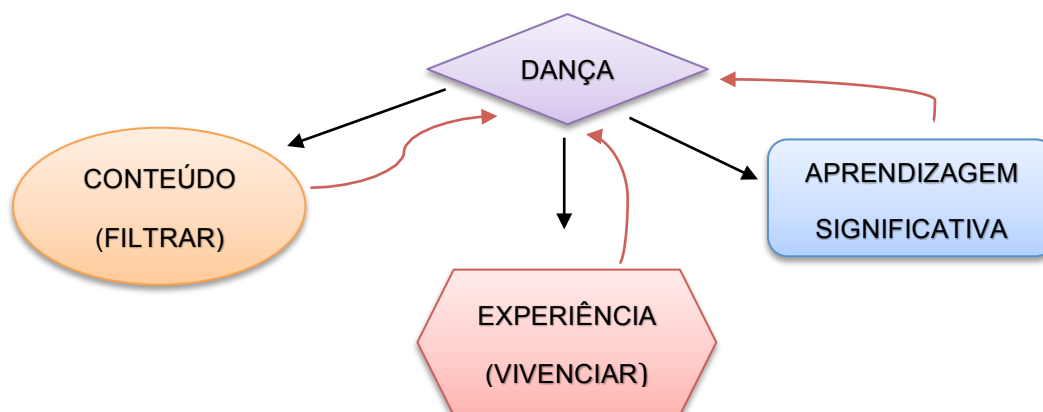
Começo esta etapa frisando que a pesquisa em questão propõe duas ações pontuais a serem seguidas, como caminhos. Primeiramente parto do entendimento de que a aprendizagem é um fenômeno complexo que envolve diversas variáveis e se desenvolve para muito além da relação causa-efeito. Dito isso, me amparo no entendimento de aprendizagem significativa para olhar os conteúdos de dança e repensar metodologias de ensino, através de planejamento que favoreçam a apropriação de conteúdo.

O planejamento tem como meta a construção do material potencialmente significativo que, como já antecipei, depende de um bom diagnóstico sobre o contexto, o aluno e do corpus de conhecimento em questão. Tal diagnóstico, produto de avaliação, possibilitará a tomada de decisão sobre qual será a estratégia mais adequada e subsidiará a preparação ou seleção dos recursos instrucionais necessários. (LEMOS, 2006, p.61)

Pensando em estratégias mais adequadas é que proponho que todo o processo de construção de metodologia coloque o corpo no centro de seu pensar/agir. É com olhar do corpo que dança que filtramos os conteúdos a serem trabalhados e através do corpo que dança que proponho lições que se constituem no limiar entre a aula, a palestra e o espetáculo. Uma obra/aula que não tem formato pré-estabelecido, mas que dialoga com os saberes do público alvo, tendo o viés da dança como mediador das relações. No entanto, não basta apenas pensar o modo como estruturamos a lição - leia-se, a experiência do conteúdo - , é preciso repensar

a relevância do conteúdo que está sendo abordado para vida dos profissionais da dança e levar em conta a experiência do processo.

Fluxograma 1 – Base de Lições para entender com o corpo



A ideia por trás deste fluxograma embasa a seleção de materiais e a criação da estrutura de cada lição a ser desenvolvida. Escolhemos a Anatomia como disciplina mais frágil a partir do exercício de escuta dos licenciandos e, pensando no olhar da Dança, filtramos as informações que realmente serão relevantes para a prática diária do ofício de professor.

Uma vez realizada a filtragem do conteúdo a ser trabalhado, voltamos nosso foco para a Dança, na intenção de encontrar os materiais artísticos que podem contruir nossa lição - obra/aula dançada -, com atenção especial para viabilizar a ocorrência da experiência, possibilitando aos alunos vivências dançantes a partir dos conteúdos selecionados. Depois de estabelecidos os materiais e métodos utilizados da tecitura da lição, chega o momento de partilhá-la com os alunos na esperança de eles consigam construir significados pessoais para aquilo que foi apresentado. No entanto, independente do formato das lições, jamais podemos garantir a efetividade do aprendizado, visto que o ensino – a partir do entendimento da Aprendizagem Significativa – é apenas um meio para facilitar a aprendizagem, mas não é em si uma garantia de eficácia das relações.

A aprendizagem é uma ação pessoal e, portanto, está aquém da vontade ou ação do professor. O objetivo do evento educativo é alcançado, quando os significados são compartilhados, a decisão de aprender é do aluno. Entretanto, é responsabilidade do professor oportunizar ao aluno pensar sobre e com o conhecimento. (LEMOS, 2006, p.64)

No caso específico da dança, penso ser sem sentido imaginar um ensino de dança que prescindia a ação corporal, logo, para pensar aprendizagem significativa em Dança, o ensino deve dançar as mediações.

Em cena quem? O quê? Como?

Retomando o raciocínio que expus pouco acima, a pesquisa em questão propõe duas ações pontuais a serem seguidas: repensar processos de ensino-aprendizagem e estruturar lições dançadas. No entanto, a ideia não é propor um modelo para a construção de lições padrão, como um manual de aprendizado do corpo. Longe disso. As estruturas propostas são maleáveis, se modificando de acordo com os caminhos escolhidos, variando entre: definições de conteúdos, movimentos cotidianos, coreografias colaborativas, e macroabordagens didáticas de anatomia. Em verdade, esta jornada busca construir um sem fim de lições, em diferentes formatos, para que possamos contemplar diversos espaços de aprendizagem, pensando visualidades distintas para espaços distintos. Longe de propor engessamento, essa pesquisa busca um livre transitar de formatos, conteúdos e sujeitos.

Todo o trabalho envolvido nesta proposta é realizado dentro do grupo de pesquisa chamado *Lições Dançanatômicas*, do IFG/Aparecida de Goiânia. Este coletivo se reuniu no intuito de repensar as relações de ensino dentro da disciplina de Anatomia do curso de Licenciatura em Dança da instituição. Sou professora deste Instituto, e como tal atuo no ensino médio, dentro da disciplina de Artes, e também no ensino superior no curso de Licenciatura em Dança. Em virtude dessa condição privilegiada, reuni em um projeto de pesquisa, alunos das duas instâncias de ensino, para que pudessem trabalhar juntos. Primeiramente na construção das

lições, e transversalmente trabalharemos seus próprios entendimentos acerca dos estudos teóricos e dos diferentes fazeres possíveis em pesquisa.

Essa relação integrada horizontaliza o processo de pesquisa, considera diferentes saberes e permite o desenvolvimento de uma linguagem que dialogue com sujeitos distintos, com diferentes graus de escolaridades. Construindo essa relação dialógica, vislumbro que tanto os alunos envolvidos no processo de concepção e montagem, como os espectadores em cada lição, terão oportunidades únicas de aprendizado multidisciplinar. Nessa tecitura, bailarinos e espectadores caminham lado, por novas descobertas dançantes.

Dito isso, façamos o exercício de pensar o corpo em movimento para além do conhecimento de estruturas biomecânicas, contemplando o entendimento de si, bem como o desenvolvimento de dinâmicas corporais criativas. Na tentativa de transformar o estudo em uma verdadeira experiência, me coloquei em movimento para pensar diferentes possibilidades de resignificar aquilo que se aprende. Em busca de um corpo versátil que se apresente enquanto recurso pedagógico, para a construção de uma cena concebida enquanto visualidade.

Para viabilizar esse bailado, é preciso olhar com outros olhos e esse olhar/pensar diferente se alia ao conceito de performatividade, pois busca uma relação direta, real e visível entre aquilo que é dito e aquilo que é realizado pelo corpo que dança. A palavra deixa de pertencer ao papel que a propunha e passa a pertencer ao corpo, podendo utilizar-se de toda a linguagem comunicativa advinda do movimento, potencializando o entendimento daquilo que se queria dizer-pensar-transformar.

A performatividade promove a co-relação indissociável entre o que se faz e o que se diz – dizer o que faz, fazendo o que diz. [...] A compreensão da performatividade nos leva a identificar propostas que indicam diferentes modos de se pensar como se faz dança e, também, pensar as implicações políticas e estéticas desse fazer. (SETENTA, 2008 p.84)

Acredito que a partir de dizer/fazer dança oriundo da presente pesquisa, seja possível construir saberes permeáveis, agregando movimento e vida ao conhecimento que outrora ficava estanque e desconectado do mundo real. Fazemos pesquisa para descobrir algo novo, e esta descoberta sempre está à serviço de uma proposta educativa. Pesquisar para descobrir. Descobrir para socializar aquilo que foi desvelado. Essa pesquisa propõe um entendimento de investigação que traga o ato educativo para o centro da cena.

Para além do pensamento base que estrutura a pesquisa, ao olhar Anatomia no intuito de dar conta de suas especificidades, busco base nos conhecimentos advindos da educação somática, bem como de composição coreográfica para instrumentalizar os corpos que darão conta das performances. Corpo consciente, corpo funcional, corpo plástico. A partir desta sobreposição de camadas, busco o formato final de uma primeira lição. Uma abordagem que aproxime os conceitos teóricos das práticas de movimento como um todo, e a partir desta intenção busco alento no olhar do corpo a partir das lesões provocadas pelo esforço envolvido no dançar, visto que essa é uma importante preocupação dos bailarinos e dos professores (ao menos deveria ser).

Para preservar este corpo que dança, é preciso entender as estruturas que permitem e dão suporte ao movimento. E assim elegemos no grupo a base da primeira lição: estudar as articulações do corpo responsáveis pela ampla maioria de movimentos dançantes. Conhecê-las a partir do entendimento de um corpo que se movimenta e do esforço imbricado nesse fazer. Juntando conhecimentos de composição coreográfica, anatomia, cinesiologia e educação somática - entendendo-os através de alguns fundamentos da dança - construímos imagens de um saber em movimento, articulado com o fazer dançante. É com este foco que a presente pesquisa se tece. Com vistas a uma possibilidade de vincular escrita, prática docente e ação criativa, repensando fazeres complexos, acredito que consigamos dar corpo a diferentes maneiras de aprender/construir/entender dança.

Terceiro sinal, bailarinos a postos

Começo essa escrita apontando que não posso chamá-la de *conclusão*, pois não posso concluir reflexões de um processo ainda em movimento; tampouco posso chamá-las de *considerações finais*, pois nada de final pode ser dito desta dança. Gosto da imagem dos bailarinos nas cochias, embriagados de entusiasmo e prontos para colocar seus corpos em cena, plenos de um trabalho anterior complexo e vulneráveis à espera do contato com o público. Da mesma forma estamos embriagados de entusiasmo resultado de um trabalho de pesquisa que ainda tem uma longa jornada pela frente, que não tem a pretensão de oferecer respostas à todas as questões, mas que se atreve a pensar às práticas de Dança com margens mais permeáveis, buscando desafiar os fazeres do corpo para que se reinventem. Muito além de rótulos prontos, ou caixinhas estanques de conhecimento desconectado, me proponho a ir atrás de uma dança que baile entre suas próprias fronteiras.

Como bailarinos nas cochias nos sentimos vulneráveis, pois não existem garantias de entendimento, aprendizagem ou mesmo significação, visto que o ensino é sempre mediação e envolve a decisão de aprender que é do aluno. No entanto, repensar relações de ensino-aprendizagem é uma tarefa infinita, pois todas as relações envolvidas são sempre mutáveis, acompanhando o contexto em que estão inseridos os alunos e seus saberes. Olhando por esse prisma, cada trabalho realizado, cada lição proposta/dançada pode ser vista como reticências, uma suspensão momentânea e poética que não se coloca como um recurso limitante, mas sim uma indicação permissiva de continuidade. Ainda que seja impossível assegurar a aprendizagem de qualquer conteúdo que possa ser abordado, a experiência proposta a partir das lições vale por si, pois desconecta o conhecimento da mera informação e o envolve através da vivência ofertando possibilidades distintas de significação daquilo que é experienciado.

Me encanta a possibilidade de pensar/construir uma pesquisa em trânsito - do movimento à palavra, à imagem, ao conceito. Uma pesquisa que salte do papel para ganhar movimento real de corpo, para além da recepção estética, vislumbrando a ampliação do repertório teórico-prático-criativo do espectador/alunx. Um trabalho que possa apontar um caminho para os estudos ditos "teóricos" de dança, de modo a fazer com que esses estudos ganhem sentido no cotidiano dançante e se transformem em conhecimento sedimentado no corpo daqueles que se envolvem no processo, seja como alunx/espectador, seja como pesquisador-artista. Por *último provisório*, mas não menos importante, é preciso ampliar o entendimento do que vem a ser pesquisa em Dança, para que se vislumbrem interfaces possíveis e necessárias ao desenvolvimento dos saberes complexos que envolvem nosso ofício. Contemporaneidades que exigem estratégias inovadoras em um eterno reinventar-se. Com o olhar da Dança resignificamos o mundo, na velocidade do espiralar de suas mudanças.

Referências

FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto etnografia para a pesquisa na prática artística. Tradução de Helena Maria Mello. **Revista Cena**. Porto Alegre: Editora da UFRGS n.7, p. 1-12, 2009.

FORTIN, Sylvie. GOSSELIN, Pierre. Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico. **Art Research Journal**. Natal: Editora UFRN, vol. 1/1. p. 1-17, 2014.

LEMOS, Evelyse dos Santos. A Aprendizagem Significativa: estratégias facilitadoras e avaliação. Série-Estudos - **Periódico do Mestrado em Educação da UCDB**. Campo Grande: Editora UCBD, n. 21, p.53-66, 2006.

SETENTA, Jussara Sobreira. **O fazer-dizer do corpo: Dança e Performatividade**. Salvador: EDUFBA, 2008.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. Campinas: Autores associados, 2001.

ⁱ Bailarina, professora e coreógrafa. Especialista em Metodologia do Ensino de Artes pela UNINTER/PR Mestra em Educação Ambiental pela FURG/RS. Professora do curso de Licenciatura em Dança do IFG. email: gi_consorte@yahoo.com.br